



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**MEMÓRIA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE**  
**CURSO**

**STÉFANE SILVA DE SOUZA SOUTO**

**EU VOU SAIR DESSA CIDADE:**

**PROJETO EXECUTIVO PARA DOCUMENTÁRIO**

Salvador  
2014

**STÉFANE SILVA DE SOUZA SOUTO**

**EU VOU SAIR DESSA CIDADE:  
PROJETO EXECUTIVO PARA DOCUMENTÁRIO**

Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Professor Sérgio Sobreira.

Salvador  
2014

**BANCA EXAMINADORA**

---

Sérgio Sobreira

---

Gisele Nussbaumer Marchiori

---

Tenille Bezerra

## AGRADECIMENTOS

Era improvável que há quatro anos, quando a entrada brusca na vida adulta gerava dúvidas e exigia certezas, eu saberia exatamente no que dedicaria toda a minha vida. A verdade é que eu não sabia, mas, seguindo a ideia de que só há entrega se existir amor, todos os caminhos levavam ao universo incerto da cultura e agora, tendo encerrado o ciclo universitário e consciente de um futuro inteiro que só está me esperando para começar a existir, eu reafirmo essa certeza que é tão real e sem explicação que só pode ser parte de quem eu sou. Ter fé só foi possível porque eu não ando só e tenho muito a agradecer a todo mundo que confiou junto comigo.

Primeiramente aos meus pais, Ana Paula e José Constantino que apostam em mim incondicionalmente e são responsáveis por tudo que já fui, sou e algum dia serei. Às minhas avós, Aleluia e Lourdes, que são meus exemplos de força e vida. Ao meu irmão, Maurício, que me lembra todo dia como crescer é bonito. À toda minha família, que está sempre perto, mesmo sem entender muito bem o que é essa coisa que eu inventei de fazer, especialmente Verena, que sempre soube ser prima, irmã, tia, amiga, tudo que eu precisei que ela fosse. À tia Iara, que cuidou de mim em todos os planos da existência e não permite que eu me perca.

Aos meus amigos, que compartilham o mesmo mundo que eu, especialmente às amigas lindas que cruzaram o meu caminho nos corredores da faculdade e resolveram que caminharíamos juntas. Agradeço a Lara, Tainana, Flávia e Cook, que juntaram suas loucuras à minha desde o início. A Bichara, que já nasceu produtora e ajuda só de existir. A Ana Beatriz, Nathália, Carol Rosário e Camila, que emprestaram a essa minha viagem muita adrenalina, melanina e dendê. A Darlan, porque o primeiro abraço a gente nunca esquece. Aos que encontrei pelos corredores da vida e participaram desse processo de modo indireto, mas muito importante: Joseane, Lia, Leônidas e Felipe, vocês me fazem me sentir em casa em qualquer lugar que eu esteja. Joice, Juliete e Rebeca, que são o “sempre” da minha vida. Jessica, que vem me esperando pacientemente com um abraço guardado só pra mim. A Luanda, a princesa dos meus dias, e Samir, que faz do meu dia-a-dia um acontecimento fantástico. A amizade preciosa de Helione, que amadurece junto conosco. A Ian e Danilo, essa gente linda e inspiradora. Aos amigos "Posers", espalhados pelo Brasil, com quem aprendi a amar sem fronteiras (essa é pra você, Jess!) e aturam minhas manifestações de baianidade-nagô. A Arthur, que é bonito como um carnaval pra mim. A Fabíola, que esteve por perto mesmo quando eu não queria estar perto de ninguém.

Aos meninos das bandas The Honkers e Velotroz, que confiaram na minha vontade de aprender. A David, que atendeu ao meu chamado quando precisei e tem pontos comigo pro resto da vida. Ao Museu de Arte Moderna e a toda a equipe da Bienal da Bahia, principalmente a Noemi, coordenadora linda que teve muita paciência com esse período da minha vida.

E finalmente a Deus, que existe em mim.

No mais, meu caminho pelo mundo eu mesma traço, pois a Bahia já me deu régua e compasso. Quem sabe de mim sou eu... Aquele abraço!

“Só deixo o meu cariri no último pau-de-arara”  
*Luiz Gonzaga*

## RESUMO

Este trabalho é composto pelo memorial descritivo referente ao projeto de captação de recursos via editais para o documentário intitulado *Eu Vou Sair Dessa Cidade*, elaborado durante o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. O projeto de captação de recursos apresenta e descreve em tópicos as etapas necessárias para a realização do documentário com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para a sua realização. O documentário aborda os motivos que levam bandas independentes soteropolitanas a estabelecer carreira em cenas musicais de outras cidades. Esta memória tem como propósito detalhar as etapas do processo de construção do projeto, bem como fundamentar teoricamente o tema do documentário.

**Palavras-chave:** Captação de recursos, música, cena independente, Salvador.

## SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. O Produto	11
2.1. A elaboração do projeto	12
2.2. Captação de Recursos	14
3. Fundamentação Teórica	16
3.1. A música independente	16
3.2. Mercado Cultural e Cena Musical	19
3.3. Evasão Artística	20
4. Considerações Finais	21
5. Apêndice	22
6. Referências Bibliográficas	25



## 1. Introdução

Antes da fase de prestar vestibular, eu nem mesmo sabia da existência de um curso de produção cultural. Sabia que, de algum modo, precisava encontrar uma profissão que me permitisse refletir, expressar e propor ideias, o que me fez pensar em cursar Letras, pelo gosto de escrever, Artes Visuais, pela aptidão com o desenho, e Jornalismo, devido a romantização comum sobre a crença de poder mudar o mundo através do discurso em torno dessa profissão. Foi só na segunda tentativa de ingressar na universidade, no ano de 2009, que descobri que existia um curso que pretendia dialogar com todo o universo artístico e expressivo pelo qual sempre tive interesse, embora não soubesse de que modo fazer parte dele. Não lembro exatamente como se deu a descoberta, mas, à medida que pesquisava sobre o histórico, a ementa, a grade curricular e o mercado de trabalho, percebia que eu gostaria de ter inventado esse curso caso ninguém o tivesse feito antes.

No primeiro semestre do ano de 2010 entrei na Faculdade de Comunicação da UFBA e posso dizer que foi na prática universitária que a compreensão da decisão que havia sido tomada foi se tornando mais sólida. Logo de início, a disciplina “Políticas da Comunicação e Cultura”, ministrada pelo professor José Roberto Severino, também recém-chegado à faculdade, foi responsável por oferecer a nós calouros um panorama das políticas culturais no Brasil, além de nos conscientizar sobre a responsabilidade de sermos profissionais a serviço da cultura. Afinal de contas, um longo caminho foi percorrido para que a compreensão da cultura em sua dimensão política, antropológica e social fosse alcançada, bem como da necessidade da qualificação de profissionais para pensarem e atuarem nessa área. A partir daí, teve início o processo pessoal de compreender a importância do papel que eu me propus a assumir, as possibilidades de atuação e identificar em mim a disposição e as habilidades necessárias para desempenhar as funções exigidas.

Um fator que muito contribuiu para que eu começasse a encarar a produção cultural como um projeto de vida foi a identificação incondicional com a minha cidade-natal: Salvador. Considerando que devo muito da minha formação como indivíduo e da maneira como compreendo o ambiente ao meu redor ao lugar onde nasci, sempre tive em mim a responsabilidade de valorizar e contribuir com a minha cidade. Isso interferiu na escolha de estudar e atuar no campo da cultura, pois, como consumidora das manifestações culturais e artísticas locais, grande parte da motivação em me tornar produtora veio do incômodo acerca da subvalorização do potencial criativo da minha cidade.

Foi no terceiro semestre, ao cursar a disciplina “Oficina de Produção Cultural”, ministrada pela professora Linda Rubim, quando executei junto a minha turma a mostra universitária de artes UFBA Em Cena, que tomei consciência de como a produção cultural possibilita a identificação de demandas e carências dentro do seu universo e pode propor soluções. Desse modo, ao me ver como produtora, assumi comigo mesma o compromisso de vivenciar e tentar transformar o cenário no qual me considerava inserida.

A minha compreensão da produção cultural como ferramenta fundamental para propor transformações em um determinado contexto foi o que norteou a escolha do tema do projeto em questão. Inicialmente, a intenção era, através de um filme-documentário, discutir o que eu passei a chamar de “evasão artística”, ou seja, a emigração dos artistas soteropolitanos em geral, por razões profissionais e diretamente relacionadas às discussões acerca do mercado cultural de Salvador, sem distinção de linguagens artísticas. Posteriormente, por necessidade de delimitação do tema, o projeto passou a se tratar exclusivamente do cenário musical independente, questionando as motivações por trás da frequente mudança de bandas e artistas em carreira solo para circuitos culturais fora de Salvador, ainda com o objetivo de estimular o debate acerca do tema.

O tema em questão me interessa de forma particular. Primeiramente por se tratar de um convite aos interessados no mecanismo do circuito da música independente a refletir sobre o cenário no qual estão inseridos. Em segundo lugar, por me incomodar pessoalmente com a postura de abandono, na qual os sujeitos insatisfeitos mudam de lugar, em vez de permanecerem e se empenharem em alterar a realidade que não lhes é favorável. Isso não quer dizer que, com este trabalho, eu queira reduzir a questão da evasão a qual me refiro ao abandono. Ao contrário, entendo que se trata de uma questão muito mais complexa, o que me motiva a buscar meios de compreendê-la e identificar com quais outros aspectos se relaciona.

## 2. O Produto

O produto resultante deste Trabalho de Conclusão de Curso é um projeto de captação de recursos via editais para a execução de um documentário, com o objetivo de estimular o debate em torno da não-retenção de artistas do circuito musical independente de Salvador. No início do processo de finalização do curso de graduação, a intenção era produzir o filme em si como produto da disciplina final. No entanto, à medida que me envolvia com o tema, conversando com pessoas e pensando em sua estrutura, foi se tornando cada vez mais claro a importância desse trabalho, seus objetivos e a dimensão que ele precisava ter, para que não fosse abordado de maneira superficial. Esse documentário não poderia ser feito de forma amadora. Dessa forma, a intenção de executar o filme foi adiada para que houvesse tempo suficiente de planejá-lo, amadurecer a ideia e garantir a existência de recursos físicos e financeiros.

A escolha de produzir um filme-documentário se deu por considerar esse o formato ideal para tratar do tema proposto e atingir os objetivos esperados. Desde o início, ao decidir falar sobre a cena musical de Salvador e a experiência vivenciada por alguns artistas e bandas independentes que fazem parte dessa cena e se veem impelidos a buscar oportunidades diferentes, a proposta nunca foi fornecer as respostas, afirmando os motivos que justificariam o movimento de evasão. Ao contrário, esse projeto é movido pela vontade de levantar e estimular questionamentos, buscando as possíveis respostas com os atores sociais que constituem a cena musical soteropolitana. Sendo assim, o formato de documentário, gênero cinematográfico caracterizado pela representação da realidade, possibilita o registro do processo de investigação e do contato com personagens reais, tendo como cenário principal a cidade de Salvador.

O projeto de captação de recursos foi elaborado com base em formulários de editais culturais, contendo os tópicos mais comumente solicitados e que exigem um planejamento geral do projeto, de forma que o mesmo seja adaptável às especificidades de cada processo seletivo aos quais possa vir a ser submetido. O que não exclui a possibilidade de captar recursos via incentivo privado, através de renúncia fiscal ou investimento direto. No entanto, a partir de uma compreensão prévia de como se dão os incentivos em produtos culturais a níveis municipal, estadual e nacional, onde o investimento de capital privado mais comumente é associado a projetos que possam lhe garantir contrapartida em visibilidade, entendo que a abordagem a essas instituições deve ser feita de uma forma que o presente projeto, do modo e com a intenção que foi elaborado, não contempla. Além disso, o investimento privado será buscado também,

em outro momento, no sentido de apoios e parcerias com empresas que tenham envolvimento com a cena musical e que queiram se aproximar do público-alvo que o filme pretende atingir.

### **2.1. A elaboração do projeto**

A elaboração de um projeto, ainda que tenha se tornado uma etapa comum na rotina da produção cultural, não é um processo simples. Exige domínio sobre a iniciativa proposta, capacidade de planejamento e objetividade na hora de transcrever as ideias e organizá-las em tópicos, bem como conhecimento do universo dos processos seletivos, para que esteja claro o que se quer saber sobre o seu projeto.

Como o “Eu vou sair dessa cidade” surgiu antes pelo tema e depois pelo formato e considerando que a minha única aproximação com o gênero documentário foi como expectadora, e até então nunca de uma forma profissional, foi necessário buscar entender mais do universo audiovisual. O primeiro passo prático, depois de passar algumas tardes assistindo a documentários de formatos e temas variados, foi me inscrever na oficina de elaboração de projetos para documentários, oferecida pelo evento Cachoeira.Doc, realizada na cidade de Cachoeira-BA e ministrada pelo cineasta baiano radicado no Paraná Aly Muritiba. A oficina selecionou seus participantes por projeto, e durante três dias Muritiba contou suas experiências profissionais, apresentou o formato de projeto de documentário segundo o programa DOCTV e ofereceu a cada participante um momento para expor suas ideias ao grupo e receber sugestões dele e da turma. A participação nessa oficina foi muito importante e saí dela com uma ideia muito mais amadurecida, alguns filmes assistidos e um esboço escrito do que ainda viria a se tornar o projeto.

Outra experiência prática foi a oficina de Financiamento do Audiovisual, oferecida pelo 4º Ciclo Salvador de Cinema e ministrada por Raquel Leiko. Essa oficina foi importante para ter uma noção real do mercado do audiovisual a nível nacional. As linhas de apoio disponibilizadas pelo governo, as novas possibilidades de distribuição abertas pela nova Lei do Audiovisual e pelos canais pagos de televisão, etc. Embora fosse uma oficina voltada para programas propostos para a televisão, foi interessante para pensar nas possibilidades de financiamento do projeto.

A partir de então, os primeiros tópicos a serem escritos foram os iniciais, Apresentação, Justificativa e Objetivos, que consistem na explanação e fundamentação do tema. Depois que todas as ideias que se tem sobre o projeto são organizadas nesses três tópicos iniciais, tem-se a sensação de que a elaboração das etapas seguintes será mais fáceis, uma vez que devem apenas

esquematizar o que já foi proposto e argumentado. Posteriormente, foram pensados os outros itens, como estratégias de ação, ficha técnica, plano de comunicação, cronograma e orçamento, que projetaram a parte discursiva do projeto a uma perspectiva mais real. Somente ao alcançar essa etapa, é possível ter a dimensão do que a proposta precisa para ser realizada, como tempo de duração de sua execução, recursos humanos e equipamento necessário. Duas das etapas que merecem atenção especial são a montagem do cronograma e a elaboração do orçamento.

Inicialmente, as primeiras versões do cronograma e do orçamento foram montadas com base em uma execução ideal do projeto, com todas as funções da equipe técnica previstas (incluindo direção de arte, mais de um assistente produção, produtor executivo, assistente de som, still e making of) e um tempo maior para a execução das etapas, prevendo inclusive um período mais prolongado de estadia em São Paulo. No entanto, isso encareceu o projeto, uma vez que seriam maiores os custos com pagamento de equipe, tanto em número de pessoas envolvidas como duração da prestação de serviço, despesas com hospedagem, alimentação e transporte. A redução do cronograma e da equipe foram importantes para reduzir os gastos previstos com praticamente todos os outros itens previstos, mas, por outro lado, causa um acúmulo de funções que não chega a comprometer a execução do documentário, mas o retira do status de planejamento ideal. Esses ajustes foram necessários para manter o orçamento dentro da média praticada pelos editais nos quais existe maior passibilidade de contemplação.

Ao conceber a ideia do documentário, o imaginei como um filme simples, principalmente pela experiência que me falta com o audiovisual para utilizar recursos estilísticos mais elaborados. Além disso, o tema e o modo como pretendo trabalhá-lo, levantando questionamentos e buscando respostas baseadas em experiências, pedem uma aproximação com o discurso e com o modelo tradicional de realização de entrevistas, o que não quer dizer que não possa ser feito de forma interessante e dinâmica. A introdução da figura do apresentador, realizando as entrevistas, interagindo com o expectador através da câmera e narrando o filme, bem como do acompanhamento de artistas em fases diferentes da carreira por um determinado período foram recursos pensados para que o uso das entrevistas não se torne abusivo e o documentário não se torne monótono para quem o assiste.

Ao concluir o projeto de captação de recursos via editais, fica a sensação de estar investindo em um verdadeiro empreendimento, que ultrapassa os meus ideais em relação à cultura da minha cidade e atinge o âmbito da entrega profissional que será exigido de mim e de outros profissionais envolvidos. Ter alinhado o planejamento do documentário e a dimensão da sua execução deixa claro que se trata só de um início.

## 2.2. Captação de Recursos

A seguir, encontram-se listados alguns dos meios de incentivo via editais que podem contemplar o projeto do documentário “Eu vou sair dessa cidade”:

**FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS | EDITAIS ARTE EM TODA PARTE:** A iniciativa da Fundação Gregório de Mattos tem como objetivo financiar projetos das áreas de Linguagens Artísticas, Culturas Populares e Identitárias e Festivais e Mostras de Arte e Cultura. O Chamamento Público tem como objetivos a democratização da distribuição de recursos; a contribuição para a realização de projetos e atividades artístico-culturais de interesse público; o fomento e incentivo de artistas, grupos, coletivos, produtores e outras instituições do campo das culturas populares e identitária e a promoção da diversidade cultural. A proposta visa também a contribuir para o estímulo da produção cultural nos diversos bairros de Salvador. O projeto “Eu vou sair dessa cidade” pode ser contemplado pelo edital voltado para as linguagens artísticas, que seleciona quatro projetos de audiovisual. Cada projeto selecionado recebe apoio no valor de R\$30.000,00. Nesse caso, seria necessário captar de fontes de recursos alternativas, uma vez que o valor global do orçamento do projeto ultrapassa o teto estabelecido pelo edital.

**BAHIAGÁS:** Em 2014, a Companhia de Gás da Bahia lança o seu 4º edital de seleção de patrocínios a projetos culturais, com inscrições abertas até o dia 25 de julho. O edital vai contemplar projetos com orçamentos de até R\$80.000,00.

**IRDEB | FOMENTO À PRODUÇÃO AUDIOVISUAL BAIANA 2014:** o Instituto de Radiodifusão do Estado da Bahia disponibiliza um valor global de R\$6.300mi para produção de projetos de documentários, telefilmes de ficção e obras seriadas de ficção, documentais e de animação, com destinação e exibição inicial em televisão. Para documentários e telefilmes serão destinados dois milhões e duzentos mil reais.

**SECRETARIA E CULTURA DA BAHIA | EDITAL SETORIAL DE AUDIOVISUAL:** O edital setorial de cultura financia projetos voltados para a área de audiovisual, como desenvolvimento de roteiro e projeto executivo, produção de filmes e conteúdos audiovisuais, distribuição de curtas e longas-metragens a dinamização e criação de cineclubes. O Setorial de Audiovisual apoia projetos com verba do Fundo de Cultura da Bahia. O limite máximo de apoio estabelecido por projeto é de R\$ 1.500.000,00 para produção de longa-metragem e outros formatos de longa duração e de R\$ 300.000,00 para outras propostas. A última seleção do edital aconteceu no período entre os dias 03 de dezembro de 2013 e 21 de janeiro de 2014, para projetos com início do cronograma de execução previstos para julho de 2014.

**PRÊMIO FUNARTE MULHERES NAS ARTES VISUAIS:** A 1ª edição deste edital visa à seleção de dez projetos, a serem apresentados por proponentes do sexo feminino, em âmbito nacional. Podem ser consideradas ações a serem realizadas através deste Prêmio, atividades tais como: exposições, mostras, oficinas, intervenções urbanas, publicações, produção crítica e documental, e seminários. Cada contemplado receberá premiação no valor de R\$ 70 mil. O período de inscrição encerra no dia 21/07/2014. Nesse caso, como dito anteriormente, seria necessário captar de fontes de recursos alternativas, uma vez que o valor global do orçamento do projeto ultrapassa o teto estabelecido pelo edital.

**PROGRAMA BRASIL DE TODAS AS TELAS:** Lançado em 2014, o programa Brasil de Todas as Telas é uma ação federal formulada com base no Plano de Diretrizes e Metas para o Audiovisual. Utilizando recursos do FSA – Fundo Setorial Audiovisual, o programa articula diferentes modalidades de operação financeira. No EIXO 1, destinado ao desenvolvimento de projetos, roteiros, marcas e formatos, foi alocado o montante total de R\$94 milhões. O objetivo é promover o desenvolvimento de 450 projetos para cinema e TV. Nenhum processo seletivo foi lançado até o momento.

### **3. Fundamentação Teórica**

#### **3.1. A Música Independente**

Considerando o objetivo do documentário “Eu vou sair dessa cidade” de promover a reflexão e o debate sobre a não-retenção de artistas do circuito musical independente em Salvador, é necessário explicitar em qual contexto essa proposta se aplica e se desdobra. Por exemplo, quando falamos de “música independente” a que tipo de independência estamos nos referindo? Música independente é um gênero? Um movimento? Existe um mercado específico para isso? Como ele se dá?

A partir de uma definição preliminar, um artista ou banda é considerado independente quando realiza seu trabalho de forma desvinculada da cadeia produtiva estabelecida pelas poucas gravadoras multinacionais, denominadas *majors*, que variam sempre entre um número de quatro ou seis empresas que dominam o mercado. Atualmente, a Universal Music, Sony/BMG Entertainment, EMI e Warner Music controlam juntas mais de 70% do mercado de distribuição de fonogramas (SANTANNA, 2009). Essas empresas são responsáveis por configurarem a indústria fonográfica como a conhecemos hoje. Elas não apenas realizam a gravação e distribuição do material produzido pelos artistas que compõem seu catálogo, como gerenciam suas carreiras de modo exclusivo e, ao apostar em modelos de sucesso que podem garantir retorno financeiro, os insere em uma lógica de mercado onde o processo de criação é, senão direcionado, certamente afetado.

O produto normalmente gerado pela indústria fonográfica, seus processos de produção, circulação e consumo, é a chamada música *pop*. Segundo Jorge Cardoso Filho e Jeder Janotti Júnior (2006), “o termo pop é em geral reservado às manifestações musicais que seguem formatos já testados e que obtiveram sucesso”. O fato de ser um produto destinado ao amplo consumo exige que a música seja trabalhada em cima de uma gramática popular, com significados reconhecíveis por um público o mais diversificado possível.

No estágio pop de produção, “produtores e consumidores se encontram muito distantes no ato de execução da canção e, por esse mesmo motivo, a mídia desenvolve estratégias particulares para a construção do sentido de identidade dos ouvintes com a música”, afirmam Filho e Júnior (2006). Com o objetivo de atingir grandes públicos, a música pop conta com todo um aparato midiático que garante o desenvolvimento da sua divulgação através do cinema, rádio e TV, por exemplo, que são plataformas tradicionais de comunicação massiva. O ambiente de produção e consumo da música pop, definido por modos de produzir conhecidamente



eficientes, é chamado de *mainstream*, termo em inglês que pode ser traduzido como corrente principal.

Sendo assim, não é só a falta de um contrato com uma gravadora multinacional que identifica um artista ou banda como independente. A forma como esse artista ou banda decide se posicionar em relação tanto ao mercado quanto ao público também contribui e muito para essa identificação. No geral, a produção independente se caracteriza pela autonomia e até mesmo liberdade que os artistas conseguem atingir quando não são submetidos às normas de uma gravadora. Por não contarem com uma organização voltada exclusivamente para gerenciar suas carreiras, artistas independentes se envolvem com todo o processo de produção, muitas vezes assumindo também funções de produção. Além disso, como a relação entre produção e consumo se torna muito mais próxima, o processo de criação também pode ser considerado mais espontâneo, uma vez que precisa de menos filtros para atingir um público mais segmentado.

O ambiente onde circulam as bandas independentes é conhecido como *underground*, que significa “subterrâneo” em português, e se configura como um modo de produção alternativo ao modelo hegemônico praticado no *mainstream*. Segundo Filho e Júnior:

“Os produtos ‘subterrâneos’ possuem uma organização de produção e circulação particulares e se firmam, quase invariavelmente, a partir da negação do seu ‘outro’ (o mainstream). Trata-se de um posicionamento valorativo oposicional no qual o positivo corresponde a uma partilha segmentada, que se contrapõe ao amplo consumo” (FILHO; JÚNIOR. 2006)

Outro fator que estabelece uma diferenciação entre os modos de produção do *underground* e do *mainstream* é a estratégia de distribuição e comercialização utilizada em cada ambiente. O tradicional mercado musical se assenta sobre a base de dois pilares que geram os mais destacados ingressos econômicos dessa indústria: a comercialização massiva de obras gravadas em diferentes suportes físicos reproduzíveis em distintos equipamentos, e os direitos econômicos que incidem sobre o uso político de fonogramas (HERSCHMANN; ALBONAZ. 2009). De outro lado, o setor da música independente se utiliza de métodos alternativos para viabilizar a sua permanência no mercado, encontrando no universo da internet e das novas tecnologias um mecanismo próprio de distribuição e apostando mais em apresentações ao vivo e um contato mais próximo com o público do que na venda de fonogramas gravados em suportes materiais.

A facilidade de acesso ao conteúdo proporcionada ao público através da internet, seja em *streaming* ou *downloads* gratuitos, vem reconfigurando o modo de consumir música e exigindo uma atualização por parte da indústria musical. Por esse motivo, as organizações fonográficas e as sociedades gestoras de direitos autorais tem adotado uma posição conservadora, se colocando contra as mudanças em curso ao tentar criminalizar o uso dos *downloads* gratuitos.

Em Salvador, é possível observar a distinção entre *underground* e *mainstream* com muita facilidade. Representando o mercado musical tradicional está a indústria do Axé, que, além da Axé Music, tem agregado também gêneros como o Arrocha e o Pagode, e movimentado orçamentos na ordem de milhões através de nomes como Daniela Mercury, Ivete Sangalo e Margareth Menezes. Esses gêneros alimentam a indústria com uma produção periódica de hits, sempre seguindo a lógica do entretenimento e do conteúdo de fácil assimilação por um público amplo e diversificado. Além disso, conta com o apoio da mídia local e com a maior parte dos investimentos privados. Na perspectiva *underground*, encontramos bandas e artistas que normalmente são rotulados como representantes do Rock, mas preferem não se limitar a classificações e gêneros. Esse segmento se encontra à margem da indústria da música e, por isso mesmo, é o objeto do documentário “Eu vou sair dessa cidade”. Não contando com a atenção midiática ou de patrocinadores, de modo que trabalham com orçamentos muito menores e, em grande parte das vezes, depende do incentivo através de verba pública para continuar em atividade.

No entanto, a autonomia em relação às grandes gravadoras não é exclusividade do mercado da música independente. Mesmo no universo grandioso do Axé, é possível perceber uma perda de hegemonia sobre o mercado fonográfico por parte das *majors*. Artistas como Daniela Mercury passaram a assumir o controle sobre suas próprias carreiras e reformular a relação que mantinham com as gravadoras. Segundo Marilda Santana (2009), autora do livro *As Donas do Canto*, “o sonho da artista – deter os direitos de todos os fonogramas dos seus álbuns já gravados – se concretiza em 2005, podendo assim negociar diretamente com cada gravadora que queira reeditar ou relançar cada um deles com contrato por tempo determinado; ou ainda, negociar novos produtos”. Além disso, se tornou comum que os artistas dessa indústria montem a sua própria produtora, com estruturas empresariais que dão conta de suas carreiras, lhes conferindo autonomia em relação à gestão imposta pelas organizações fonográficas tradicionais, como é o caso da Caco de Telha, empresa criada por Ivete Sangalo responsável por gerenciar sua carreira, seus shows, blocos, camarotes e ainda ações de outros artistas.

Sendo assim, o entendimento de “independente” utilizado pelo projeto proposto se refere muito mais à estratégia de posicionamento frente ao mercado e ao público do que necessariamente a relação com gravadoras e distribuidoras.

### **3.2. Mercado Cultural e Cena Musical**

A noção de mercado cultural nasce da inserção da cultura em uma lógica de oferta e demanda que orienta o eixo das relações estabelecidas entre artistas e públicos (NUSSBAUMER, 2000). Segundo Teixeira Coelho, esse mercado:

Designa tanto o conjunto de operações de compra e venda de obras de cultura e de arte, especificamente (realizadas em galerias, livrarias, bilheterias de cinema, bancas de jornais, lojas de discos), como o universo global por onde circulam, são produzidas e consumidas as obras de cultura e arte. [...] O termo "simbólico" nesta expressão substitui as tradicionais fórmulas "obra de cultura" e "obra de arte" e significa, ao mesmo tempo, que estas são valorizadas não apenas em termos monetários, imediatamente, mas também segundo outros valores de difícil ou impossível quantificação. (COELHO, 1997, p.250).

No documentário, o mercado cultural da cidade de Salvador será analisado a partir das relações estabelecidas entre artistas, investidores (públicos e privados), produtores, mídia e público atuantes nos circuitos de produção, viabilização, distribuição e consumo locais de produtos e bens artísticos e culturais.

Nesse sistema de relações, destaca-se a responsabilidade do poder público como principal articulador do setor cultural, pois, como destacado por Hortência Nepomuceno (2012), ainda que as políticas públicas de cultura sejam o resultado de uma complexa interação entre agentes do estado e agentes não-estatais, é a partir da concepção de cultura adotada pelo poder público que todos os outros agentes pautarão sua atuação, sendo o Estado o agente responsável pelas articulações que se dão na cena musical em questão.

As cenas musicais são definidas como um espaço cultural no qual diversas práticas musicais coexistem (FILHO; FERNANDES. 2006), sendo um tipo específico de contexto urbano, constituído por um agrupamento de pessoas com interesses culturais e de consumo em comum onde redes de contato, práticas culturais e identitárias se desdobram. No entanto, segundo João Freire Filho e Fernanda Marques Fernandes, o surgimento de uma cena não é o resultado de interações puramente sociais, mas também a consequência da lógica da produção e da comercialização. Além disso, a noção de cena musical relaciona o local com a música que se produz nele e incentiva a análise da conexão entre os atores sociais e os espaços culturais que ocupam na cidade. Ou seja, não é por acaso que a cena independente soteropolitana esteja

compreendida em um eixo formado entre os bairros do Rio Vermelho e do Pelourinho e nem que a música produzida aqui tenha algumas particularidades, enquanto a música produzida na cena independente de Porto Alegre, por exemplo, possua outras. Para termos uma noção completa do nosso mercado, é necessário compreender as relações entre os atores, as práticas e o espaço.

Nesse sentido, pontos como o papel desempenhado por cada agente em torno do processo de trocas que tem desde a etapa do incentivo à criação musical até o consumo do produto artístico, passando pelas condições de produção, serão abordados tendo como paisagem a cena musical independente de Salvador.

### **3.3. Evasão Artística**

Embora seja um fato facilmente observado, principalmente quando considerado parte de um movimento maior que mobiliza pessoas de diversas áreas a perseguir o ideal de prosperidade em terras teoricamente mais desenvolvidas economicamente, não existem pesquisas específicas que atestem essa temática, identifiquem causas e soluções ou que quantifiquem o fluxo de artistas que se põe em deslocamento em um período. Desse modo, a expressão “Evasão Artística” é frequentemente usada de modo informal em matérias que se aproximam do assunto sob algum aspecto, mas não é teoricamente embasada. Ainda assim, neste projeto, é o termo utilizado para designar a ação de um artista ou banda que, por motivos ainda a serem investigados, decide emigrar para fora de Salvador, com o objetivo de experimentar novas oportunidades profissionais em outras cenas musicais.

Considero o fato de ter encontrado pouco material bibliográfico referente ao assunto um indício de como este tema ainda carece de atenção e discussão. Partindo da ideia de que existe uma incoerência no fato de Salvador ser, ao mesmo tempo, uma cidade potencialmente criativa e exportadora de profissionais talentosos, acredito que colocar a discussão desse tema em pauta entre os atores sociais relacionados e interessados se faz não só necessário, como urgente.

É a partir da identificação dessa problemática, que é frequentemente mencionada mas nunca questionada, que o documentário é pensado e proposto, acreditando que, ao estimular o debate acerca de uma questão específica como a evasão, todo o contexto do nosso mercado musical, em um nível macro, pode ser também reavaliado.

#### 4. Considerações Finais

Logo no início da graduação, uma dificuldade enorme era explicar aos meus familiares e alguns amigos do que se tratava “produção cultural”. O que um produtor faz? Trabalha com festa? Isso dá dinheiro? Descobri rápido que acontecia com a maior parte dos meus colegas de faculdade, exceto àqueles que vinham de famílias com algum envolvimento com o universo da cultura ou das artes. Esse assunto sempre surge em encontros descontraídos entre dois ou mais produtores. É quase um clichê ou uma piada interna, justamente por surgir em tom de brincadeira. Mas como se diz que “toda brincadeira tem um fundo de verdade”, sempre fiquei preocupada com o fato de a cultura, que faz parte da existência humana, condição intrínseca a qualquer sociedade, ser tão mal compreendida e até mesmo vista como uma instituição distante e desnecessária.

Durante os anos de faculdade, não sei se consegui fornecer explicações mais convincentes e deixar o sono de minha vó mais tranquilo, mas a ideia de quem eu sou e de que estou fazendo a coisa certa amadureceu em mim. Mesmo quando não concordei com o modo como as coisas funcionavam (e foram muitas vezes), não tive dúvida de que a única solução possível era permanecer, insistir e aproveitar o máximo do que havia disponível, pois a compreensão de que o mundo não se resumia à universidade também veio fácil. Vieram os estágios, a produção de bandas e eventos e cada vez mais eu me via envolvida com a produção em âmbitos para além da minha vida acadêmica.

Concluir o TCC não se trata apenas de concluir o último trabalho da faculdade. Trata-se de tentar canalizar toda a energia que foi adquirida e acumulada nos anos de graduação em um ponto importante onde uma fase é concluída para que outra, sem data para acabar, tenha início. Acredito que o fato de a fase universitária coincidir, geralmente, com a fase da juventude, pós-escola, não é a toa. É nesse momento da vida que estamos descobrindo quem somos dentro do mundo, quando criamos certezas que voltam a ser dúvidas pouco tempo depois.

Ao longo da faculdade, foi muito comum ver colegas se decepcionarem com o curso, descobrirem que a profissão não era o que haviam imaginado no momento do vestibular, desistirem no meio do caminho e tentarem se encontrar em outras coisas. Sempre acreditei que dei sorte por não ter passado por nenhuma dessas crises. Ao contrário, a certeza que eu tinha de que estava fazendo o que queria chegava a ser assustadora e hoje ainda está comigo. A certeza de que sou produtora cultural.

## **5. Apêndice**

### **5.1. Entrevistas: Relação de convidados**

#### **Grupo 1:** Artistas que saíram de Salvador

Sujeitos que, após experimentar o circuito musical de Salvador, optaram por sair da cidade, em busca de condições mais propícias para a consolidação de suas carreiras. Espera-se obter desse grupo depoimentos sobre as dificuldades encontradas em Salvador, os principais fatores que motivaram essa mudança e as condições que foram encontradas no local de destino.

- Márcia Castro;
- Lucas Santana;
- Vivendo do ócio;
- Maglore;
- Andréa Martins.

#### **Grupo 2:** Artistas que permaneceram em Salvador

Sujeitos que optaram por consolidar suas carreiras na própria cidade, ainda que já tenham experimentado a vivência em outros locais. Espera-se obter desse grupo depoimentos sobre a configuração do circuito local, considerando aspectos positivos e negativos, além dos fatores que motivam a permanência desses artistas.

- BaianaSystem;
- Cascadura;
- Letieres Leite.

**Grupo 3:** Instituições públicas responsáveis pelas políticas municipais e estaduais de cultura

As instituições públicas em questão são a Fundação Gregório de Mattos e vinculada à Secretaria Municipal de Cultura, Desenvolvimento e Turismo, e a Fundação Cultural da Bahia, vinculada a Secretaria de Cultura do Estado. A partir dos representantes políticos dessas

instituições, pretende-se saber como o poder público entende a dinâmica artística e cultural da cidade, de que forma se posiciona, quais demandas identifica e de que forma se propõe a atendê-las.

- Fernando Guerreiro (presidente da FGM);
- Cássio Nobre (Coordenador setorial de música, da FUNCEB).

#### **Grupo 4:** Produtores de eventos especializados e gestores de casas de shows

Produtores e gestores de eventos e casas de shows fazem a mediação entre público e artistas, tendo uma visão mais global de como funciona de fato o mercado do segmento musical local, uma vez que lidam efetivamente com administração da produção criativa. Desse grupo, pretende-se ter acesso ao perfil do público soteropolitano e dos artistas e bandas do cenário independente a partir da experiência profissional desses sujeitos, que articulam esses dois segmentos.

- Vince Athayde (Sócio da produtor Maquinário e da casa de eventos Commons);
- Rogério Big Bross (Produtor do Festival Big Bands e fundador do selo independente BigBross Records).

#### **Grupo 5:** Público

É necessário ouvir do público qual a sua relação com o cenário que ele consome. Como o compreende, quais os aspectos positivos e negativos que identifica, o que pensa sobre a necessidade que alguns artistas tem de sair da cidade e de que forma percebe o seu papel dentro desse cenário.

#### **Grupo 6:** Empresário da indústria fonográfica

Com a presença do discurso de um representante da indústria que não necessariamente faz parte da lógica de produção da música independente local, pretende-se ter acesso à experiência de um modelo já consolidado e entender qual o olhar dele sobre o novo modelo de produção que o cenário independente representa.

- Wesley Rangel (Sócio na gravadora WR Produções).

**Grupo 7: Mídia**

Os veículos de comunicação cumprem um papel fundamental no cenário artístico, pois, além de mediar a circulação de informações no ambiente, pode fornecer um panorama distanciado e analítico acerca da dinâmica da cena musical.

- Luciano Mattos (jornalista e responsável pelo site El Cabong, especializado na cena musical independente baiana);

- Marcos Xi (jornalista e colunista no site Rock in Press, especializado na cena musical independente nacional).



## 6. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, T. B. **Produção Cultural na Bahia**: Teorias e práticas na realização de projetos. Trabalho de Conclusão de Curso, UFBA, Graduação em Comunicação. 2013.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- FILHO, J. C.; JÚNIOR, J. J. **A música popular massiva, o mainstream e o underground**: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. In: Comunicação & Música Popular Massiva. FILHO, J. F.; JÚNIOR, J. J. (Orgs.). Salvador: Edufba, 2006. p. 11 – 23.
- FILHO, J. F.; FERNANDES, F. M. **Jovens, espaço Urbano e Identidade**: reflexões sobre o conceito de cena musical. In: Comunicação & Música Popular Massiva. FILHO, J. F.; JÚNIOR, J. J. (Orgs.). Salvador: Edufba, 2006. p. 25 – 40.
- NEPOMUCENO, H. **Políticas Culturais de Salvador e Recife**: análise da Fundação Gregório de Mattos e da Secretaria de Cultura do Recife (2005 – 2008). Dissertação, UFBA, Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. 2012.
- NUSSBAUMER, G. M. **O mercado da cultura em tempos (pós) modernos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000.
- PUCCINI, S. **Roteiro de Documentário**: Da pré-produção à pós-produção. Campinas: Papirus, 2009.
- SANTANNA, M. **As donas do canto**: o sucesso das estrelas-intérpretes no carnaval de Salvador [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 488 p. ISBN 978-85-232-0625-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.